

LUZES DE PARIS E O FOGO DE CANUDOS: UM ROMANCE POLIFÔNICO

Vera Moraes

Leitora do romance *O mundo de Flora*, que estudei com meus alunos do curso de especialização em Investigação Literária, fui tomada por grande expectativa ao iniciar a leitura de *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* da escritora Angela Gutiérrez, integrando-me, pouco a pouco, à sedução e à densidade das estratégias de composição dessa instigante narrativa.

O romance, como espécie do gênero narrativo, vem alterando características temáticas e estruturais, desde seu surgimento, nos idos do século XIX, até os dias atuais da literatura pós-moderna. A linearidade de começo, meio e fim, que caracterizava o enredo tradicional, culminando com um desfecho catártico -seguinte os ensinamentos da *Arte Poética* de Aristóteles - tem sofrido mudanças, uma vez que o caminho a ser seguido pelo leitor se dispersa, sem cessar, em direção a processos múltiplos, deixando-lhe a tarefa de encadear e de preencher lacunas – espaços brancos estabelecidos por um astuto narrador.

Atualmente, o romance configura-se como um produto híbrido da narrativa épica, do gênero dramático, da crônica jornalística, do memorialismo, do experimentalismo, dos diálogos entre História e Literatura, das influências de leituras do autor, do cruzamento da Literatura com outras artes – Música, Artes Plásticas, Cinema, etc - o que torna esse discurso essencialmente um discurso polifônico.

De imediato, o que me chamou atenção no romance *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* é exatamente sua feição polifônica, construído por um eco de muitas vozes, vários espaços e momentos, diversas formas narrativas, embora a autora estabeleça um fio condutor através dos diários da protagonista Branca. Essas interferências diversas desfazem a versão tradicional do romance, uma vez que fragmentos da memória da narradora e de outros personagens se superpõem continuamente, proporcionando-nos uma composição narrativa pautada no “intervalo” – uma narrativa que se desdobra simultaneamente em diversos planos,

às vezes sem nitidez, reconstituídos pelas sensíveis percepções do leitor.

O novo romance começa a se desenvolver a partir da década de 1960, assimilando diversas características do cinema novo, movimento surgido na França, nos anos de 1950, que ficou conhecido como “nouvelle vague”. Cortes freqüentes, fragmentação de seqüências, simultaneidade de ações, câmera lenta, *close-up*, desfechos indefinidos, rarefação de diálogos, prevalecendo a voz do narrador, passam a constituir também nova linguagem do discurso literário, contextualizado por formações culturais e imaginárias de seus autores.

Como leitora de José de Alencar, é com imenso prazer que vejo ressurgir em *Luzes de Paris e o fogo de Canudos*, através do processo intertextual, figuras contrastantes como Branca e Morena, vozes femininas de personalidade marcante, cada qual cumprindo seu destino. As irmãs de leite e de coração, unidas na incondicional amizade, vão amar e seguir o estrangeiro, “sem perguntar nem indagar”, como diria Machado de Assis, em crônica que fez louvando o romance *Iracema*. O licor da jurema, beberagem alucinógena que o cacique Araquém distribuía, à noite, entre seus guerreiros, para que tivessem bons sonhos e repousassem da labuta diária, vai ressurgir em Belo Monte, no episódio em que Morena seduz seu estrangeiro amado.

Contrastante a vida dessas duas heroínas, como contrastante é o título do romance que simboliza a errância das duas mulheres, uma vez que Branca vai estudar na Europa – refinando sua educação na aprendizagem das línguas francesa e inglesa – e Morena se envolve nas batalhas de Canudos. O foco narrativo flui entre diversos olhares, acentuando-se, na materialidade do livro, em diferentes tipos de fontes que permeiam a narrativa.

Não é um livro para ser lido de um só fôlego. Até pode ser porque a história vai prendendo a atenção do leitor em direção a um final inesperado. Mas pausas são necessárias, no sentido de perceber a riqueza dos detalhes que a autora esmerou-se em distribuir, conferindo sentidos importantes à leitura. Tudo denuncia cuidadosa pesquisa: a seqüência das epígrafes que encadeiam as passagens do romance, as variadas ilustrações que se incorporam à simbologia do texto – como capas de livros, cartas manuscritas em delicados papéis floridos, fotos de monumentos, personagens históricas, quadros famosos – todos esses

elementos, enfim, apontam para o labor e o perfeccionismo do processo escritural de Angela Gutiérrez

Os aspectos apontados parecem sugerir que o romance *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* configura-se como uma obra unicamente artesanal e intelectual. Mero engano: basta conferir os diálogos plenos de emoção e de sensibilidade entre a filha e seu pai, marcados por grande amor e respeito mútuos. A curiosidade de Branca e sua pressa em entender o mundo, o anseio de conhecimento, manifestando-se em indagações contínuas e variadas, são aquietados por um pai paciente, compreensivo, dotado de muita sabedoria, guardião da saúde da esposa e da filha, que sonhava ser guerreira como Joana D'Arc, e acaba fragilizada por infeliz desenlace de um amor romântico.

Enfim, trata-se de um tecido narrativo multifacetado, plurissignificativo, muito bem urdido e costurado por uma autora *expert* nesse *métier*, anteriormente premiada com o belo romance *O mundo de Flora*, apresentando incursões também bem sucedidas nas esferas do ensaio, da poesia e do conto.